



São Cristovão-SE/Brasil  
20 a 22 de setembro de 2012

### O POTENCIAL PEDAGÓGICO DO CINEMA NA ESCOLA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Lívia Santos Neri<sup>1</sup>

Daiane Sales Santana<sup>2</sup>

Lorena Andrade de Macêdo Mendes<sup>3</sup>

8. Tecnologia, Mídias e Educação

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo discutir a linguagem do cinema em seu potencial estético e cultural para a educação de jovens, abordando aspectos referentes à sua utilização em sala de aula e como este pode ser uma ferramenta propiciadora de aprendizagens. Traremos algumas considerações referentes à utilização do cinema em sala de aula bem como as tensões que perpassam a condição juvenil na escola. O trabalho de natureza teórica tem como metodologia uma reflexão sobre as produções que abordam a utilização do cinema como linguagem pedagógica, que envolvam e estimulem a capacidade crítico reflexiva dos atores escolares ampliando seu repertório de linguagens e temas para o debate sobre o universo juvenil.

**Palavras-chave:** Educação. Cinema. Juventude

### EL POTENCIAL PEDAGOGICO DE CINE PARA LA EDUCACIÓN: ALGUNAS CONSIDERACIONES

Este artículo tiene como objetivo discutir la lenguaje del cine en su potencial para la educación estética y cultural de los jóvenes, abordando las cuestiones relativas a su uso en el aula y cómo esto puede ser una herramienta propicia para el aprendizaje. Esto traerá algunas consideraciones relativas a la utilización del cine en el aula, así como las tensiones que subyacen a la condición de los jóvenes en la escuela. El trabajo es de naturaleza teórica y en su metodología hace una reflexión sobre las producciones que se ocupan de la utilización del cine como lenguaje pedagógica, que involucran y estimulan la capacidad crítica y reflexiva de los actores de la escuela ampliando su repertorio de lenguajes y temas para el debate sobre el universo juvenil.

**PALAVRAS-CLAVE:** Educacion, Cine, Juventud

## INTRODUÇÃO

A partir da Lei das Diretrizes e Bases da Educação (LDB) a educação nacional é concebida como “[...] processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. ( LDB, Art.1<sup>o</sup>,1996). Respaldados na LDB, podemos inferir que: a função atribuída a escola, não é apenas formar indivíduos para o mercado de trabalho, mas sim, formar o indivíduo na sua totalidade, para que este possa se desenvolver e atuar criticamente na sua realidade e se inserir na sociedade como cidadão de direitos e deveres, vislumbrando o indivíduo como um ser social

Participamos de um projeto de extensão<sup>4</sup> em articulação com uma escola da rede pública estadual na cidade de Feira de Santana é coligar a linguagem do cinema, em seu potencial estético e cultural, para promover cines-debate entre professores e estudantes do ensino médio acerca de questões e tensões vivenciadas por jovens em torno das questões de gênero, perspectivas de futuro, dentre outras questões, contribuindo assim, com os processos de socialização e discussão dos principais conflitos e tensões que perpassam a vida do jovem contemporâneo.

O caminho teórico metodológico elencado neste projeto de utilização do cinema terá ponto de partida, a pesquisa bibliográfica e iconográfica de sinopses e resumos de filmes, desta forma faz-se necessário um diagnóstico da realidade sociocultural da escola em questão, obtido a partir de um questionário, semi estruturado respondido por alunos e professores. Além de literaturas que tratam da temática. Seguido por pesquisa e delimitação de filmes que abarquem os temas geradores: juventude, gênero e perspectivas de futuro. Prevê ainda encontros semanais para promoção de cines-debate estimulando a reflexão, análise e interpretação da linguagem cinematográfica. As oficinas com os professores e alunos contribuirão para a formação continuada bem como, para ampliar o leque de possibilidades de recursos didáticos audiovisuais, diversificados a serem utilizados em sala de aula.

Muito se tem discutido sobre o que é ser jovem na contemporaneidade, alguns autores como: Battirola (2008), Madeira e Rodrigues (1998), acreditam que o ser jovem é uma fase passageira que se origina da transição da adolescência para a fase adulta. A esse respeito Madeira e Rodrigues (1998) vem afirmar:

A juventude é uma espécie de moratória entre a infância e a vida adulta, um espaço para o aperfeiçoamento individual e para o desfrute do prazer e do lazer, antes das responsabilidades da vida adulta. Hoje, ser jovem é mais do que pertencer a uma faixa etária específica, é viver um estilo de vida amplamente valorizado pela sociedade. (MADEIRA e RODRIGUES, 1998, p. 427)

No entanto, é importante perceber que ser jovem é uma construção social, ou seja, uma construção ideológica que uma determinada sociedade elabora para classificar seus membros. Nesse sentido, não existiria apenas uma maneira de expressar a juventude, mas, sim, diversas. Embora existam múltiplas juventudes, a depender das suas condições econômicas, raciais, geográficas, de gênero, etc, cada uma tem sua própria identidade e especificidades como vem afirmar Dayrell (2007, p.05), “jovens amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida”.

Ao se falar de juventude faz-se necessário abordar as questões que inquietam este público, principalmente no que se refere ao seu futuro. Um dos aspectos relevantes para a transição para a vida adulta refere-se à questão profissional. Muitos jovens têm que antecipar a inserção no mercado de trabalho em atividades de baixas qualificações (GUERREIRO e ABRANTES, 2007). Por outro lado, trabalhar pode significar a sua independência financeira e/ou possibilidade de dar continuidade aos estudos na busca de uma melhor posição no mercado de trabalho. Algumas exigências como: trabalhar e estudar entra em conflito com outras demandas, como: se divertir, sair com os amigos, ir para baladas etc, ou seja aproveitar a vida.

As relações de gênero, por sua vez, constituem-se outro importante fator de (re) produção de diferenças e desigualdades sociais, uma vez que, as identidades juvenis, são construídas e reconstruídas de maneira complexa e processual. Neste aspecto o gênero, a classe social e etnia são elementos condicionantes e determinantes das perspectivas e oportunidades futuras dos jovens.

Densamente influenciados pela escola e pela mídia, os jovens são afetados no processo de construção das identidades de gênero, por estes instrumentos de reprodução da perspectiva

político – ideológica dominante. Corroborando desta forma, para a manutenção de estereótipos dos papéis sociais imputados ao homem e a mulher, nos quais, simbolicamente a identidade masculina vai se construindo de forma hegemônica, associada à força e ao exercício do poder, enquanto a identidade feminina é delineada pelo viés da fragilidade, submissão e maternidade. Tal enfoque precisa considerar, entretanto determinadas condições econômicas, materiais, políticas, sociais e geracionais dos sujeitos, pois é impossível estudar uma categoria social desvinculada destas tensões que também permeiam o cotidiano juvenil.

De acordo com Barbosa e Giffin (2007) ao se trabalhar com jovens:

[...] é de fundamental importância considerar os campos da cultura, arte e das expressões criativas para a construção de pontes entre o saber formal e o saber prático e a elaboração coletiva de valores éticos que fortaleçam a noção e o sentimento de pertencimento social e cidadania (BARBOSA; GIFFIN, 2007, p.553).

Partindo deste pressuposto, a escola por se tratar de um espaço sócio-cultural, desempenha grande influência na construção de identidades e das perspectivas de futuro dos jovens, que envolvem a construção de “um projeto de vida” e a compreensão e definição de si mesmo. Porém, tem-se percebido o quanto que as escolas se distanciam dos jovens e de suas culturas, a começar pelas linguagens e práticas de ensino que as escolas utilizam que são conteudistas e pouco atrativas.

A escola neste contexto, ainda permanece distante de ser um espaço de experiências significativas que os auxiliem na vida cotidiana, oportunizando aos alunos a construção de conhecimentos através de diferentes linguagens, dentre elas o cinema, uma arte capaz de fomentar aprendizagens de forma inovadora em sala de aula, configurando-se um arcabouço de aprendizagens para os jovens, visto que estes são intimamente influenciados pelos meios de comunicação no que cerne, aos modos de se comportar, modos de ser, e, conviver em diferentes grupos sociais, ressaltando que ante a globalização, mesmo que de maneira pontual os jovens têm acesso à linguagem audiovisual como cinema, televisão e redes sociais.

Segundo Napolitano (2009), o cinema constitui-se uma das experiências mais fortes nas sociedades de massa. Desta forma, para além de diversão e entretenimento ou recurso meramente ilustrativo, a linguagem cinematográfica voltada para o campo da educação, parte do panorama de que “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais.” (DUARTE, 2006 p.17). Diante do exposto, inferimos que um filme é capaz de suscitar diversas questões cotidianas, sociais e históricas ao mesmo tempo,

um potencial educativo que precisa ser explorado pela escola, pois a mídia, é um recurso com uma variedade imensa de signos e símbolos que se entrelaçam nas telas e monitores, carregados de ideologias, estereótipos, caricaturas, modos de ser e viver, que tem o potencial de transformar, informar e até mesmo deformar e manipular opiniões, influenciando e interferindo na cultura, atitudes, política de uma sociedade .

É importante destacar que a escola mesmo em meio a tantas inovações no uso das tecnologias de informação e comunicação ainda subqualifica o uso das linguagens midiáticas como possibilidades pedagógicas, talvez por não saber como explorar o potencial subjetivo e objetivo intrínseco nestes recursos. O cinema em sala de aula, neste aspecto pode ser utilizado, como estratégia de reflexão de questões fundamentais a cultura juvenil a exemplo de gênero, violência, sexualidade dentre outros aspectos relevantes na formação integral do/da jovem. A discussão sobre algumas questões que permeiam o cotidiano juvenil são relativamente invisibilizadas no espaço escolar, entre a multiplicidade de temáticas possíveis no trabalho com o cinema em sala de aula, elegemos as relações de gênero e as perspectivas de futuro como fomentadores do debate.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **A escola e a urgência de mudanças**

A LDB (art. 36, 1996) embasa as diretrizes para todos os níveis da educação nacional, esta nova regulamentação curricular pressupõe que os currículos sejam construídos “através de uma base nacional comum que deve ser adaptada de forma a contemplar projetos que abarquem uma parte diversificada cujo objetivo é atender às demandas requeridas pelas características regionais, locais, da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (art.26, Lei n.9.394/96). Dessa forma, entendemos que o cenário atual do Ensino Médio é marcado pela falta de identidade, uma vez que é compreendido apenas como “a etapa final da Educação Básica”. Franco e Novaes (2001, p.169) destacam que:

Como ideal a ser atingido, a médio ou a longo prazo, a concepção de uma reorganização dos conteúdos gerais em áreas do conhecimento, com o objetivo de promover a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, configura-se como uma opção importante, seja para superar a tão criticada fragmentação do conhecimento, seja para imprimir ao ensino médio um caráter de orientação geral, articulado e contextualizado.(FRANCO; NOVAES, 2001,p.169)

Assim, além de promover uma gama de conhecimentos teóricos e práticos que abarquem as várias disciplinas destacando aspectos locais e regionais, é pressuposto que os sistemas de ensino propiciem aos estudantes e professores possibilidades reais e concretas de aprendizagens, utilizando linguagens diversificadas, ofertando formação prévia e contínua aos professores, reorganização e reelaboração de rotinas, planejamento conjunto entre os atores da escola, instalações e equipamentos apropriados dentre outras medidas que darão suporte a efetivação desta nova exigência curricular.

O Ensino Médio é considerado um subsistema com características peculiares em cada região do País, entre suas diretrizes norteadoras destacam-se a integração e articulação dos conhecimentos superando a organização curricular por disciplinas isoladas. De acordo com o Ministério da Educação, em sua coordenadoria Geral de Ensino Médio, este

(...) deverá se estruturar em consonância com o avanço do conhecimento científico e tecnológico, fazendo da cultura um componente da formação geral, articulada com o trabalho produtivo. Isso pressupõe a vinculação dos conceitos científicos com a prática relacionada à contextualização dos fenômenos físicos, químicos e biológicos, bem como a superação das dicotomias entre humanismo e tecnologia e entre a formação teórica geral e técnica-instrumental. (MEC,2009 p.4)

Partindo do preceito defendido por Freire (1996) no qual, entende-se que ensinar é uma relação humana de troca aberta entre educadores e educandos. É imprescindível, que se crie um ambiente problematizador e com recursos que instiguem a elaboração de novas visões de mundo e construção e reconstrução de identidades. Almeida (2002) destaca que “como espaço de crescimento e de vida, a escola tem de saber ser, sobretudo, uma instituição pedagogicamente organizada e isso não se compadece com qualquer postura “massificante” (ALMEIDA, 2002 P.157), neste aspecto a escola como parte integrante da sociedade em que está inserida, desempenha funções que vão além do ensinar a ler e escrever, perpassando por dimensões atreladas ao ser e estar no mundo, o trabalho e outros aspectos da vida cotidiana.

### **A utilização das novas tecnologias em sala de aula: Cinema**

Em meio às várias tecnologias em que a sociedade está inserida, principalmente os jovens desta geração, que estão cada vez mais absorvidos nos meios de comunicação e informação, como: internet, face book, dentre outros, surgiu a inquietação de saber que papel a escola e o professor desempenha, em meio a tantos atrativos que os jovens têm dentro e fora da escola, e de que maneira despertar o interesse e a atenção dos jovens para as aulas, visto que as mesmas são conteudistas e desinteressantes.

O professor diante destas novas abordagens tecnológicas necessita estar “antenado” e preparado para lidar com essas novas formas de informação e comunicação em sala de aula, desta forma surge uma nova função do professor que além de educador precisa ser um comunicador, ou seja, um educador que saiba a importância das novas tecnologias em sala de aula e utilize essas ferramentas para mediar o conhecimento, construindo com os educandos uma relação do saber partilhado. Assim, o professor comprometido com o conhecimento e aprendizagem dos estudantes necessitam estar em uma incessante busca por novas metodologias e atualizar-se com as exigências do novo modelo de sociedade, como vem afirmar Moran,(2007): “Educar numa sociedade em mudanças rápidas e profundas nos obriga a reaprender a ensinar e a aprender[...]”.

A abordagem tecnológica não deve passar despercebida pela escola, para que possa adaptar-se e inserir-se nessa nova era da comunicação e informação precisa reformular suas práticas educativas, seus currículos e principalmente preparar seus educadores para essas mudanças, dando-lhes autonomia para criar e ousar no seu fazer pedagógico em sala de aula.

Percebe-se que a passos lentos as escolas estão sendo equipadas com essas novas tecnologias e os professores estão sendo treinados para lidar com elas em sala de aula, porém, não há uma efetiva aprendizagem para que os professores possam utilizá-las de maneira que possam realmente oferecer a seus alunos um conhecimento significativo. “Muito mais do que 'treinamento', é necessário que os professores desenvolvam a habilidade de beneficiarem-se da presença dos computadores e de levarem este benefício para seus alunos” (PAPERT, 1994 p. 70).

Nesta abordagem das novas tecnologias, o cinema em sala de aula se destaca como uma das metodologias capazes de contribuir na formação e socialização dos jovens no contexto escolar, podendo ser abordadas questões culturais e sociais. Entendendo que o cinema sempre tem um caráter formativo independente. A linguagem cinematográfica na escola pode facilitar a aprendizagem dos conteúdos pelos alunos e ampliar a visão de mundo dos mesmos, mas o cinema não pode ser abordado como um mero recurso didático com um fim em si mesmo, mas, como um método que amplia conhecimentos. Assim, ao abordar o cinema em sala de aula é de suma importância que se considere o filme como um recurso que vai além de simples exemplos ou ilustrações que contemple algum conteúdo estudado. .

Ao se trabalhar com o cinema em sala de aula o professor tem a possibilidade e oportunidade de levar aos seus alunos um novo repertório e linguagens fílmicas para além do estilo hollywoodiano (filme comercial americano), possibilitando aos estudantes novos

conhecimentos e uma apropriação mais significativa da cultura audiovisual, sem falar que a análise e interpretação de filmes proporcionam ao sujeito uma abordagem mais crítica da realidade que o circunda. Sobre este aspecto Napolitano (2009), considera:

É fundamental acreditar que o cinema vai além de seus intermináveis títulos de ação violenta, comédias adolescentes de baixo nível, dramas fáceis, e que é possível apresentar filmes mais “difíceis”, raros e pouco comercializáveis, até para que a escola possa ir além daquilo que já se sabe e já viu. (NAPOLITANO, 2009 p.19).

Nesta abordagem, o professor desempenha papel fundamental de mediador do conhecimento, incentivando os alunos a buscarem leituras que enriqueçam a análise fílmica, tornando-o um espectador exigente e questionador. É importante destacar que assim como em outra atividade, para que a utilização do potencial reflexivo do cinema em sala de aula tenha sentido, é imprescindível que o professor assista o filme antes dos alunos bem como responda a algumas perguntas que irão nortear o planejamento, listadas a seguir, de acordo com Marcos Napolitano, um educador e propagador da utilização desta ferramenta na escola. Eis as perguntas básicas:

- O que eu quero com esse filme?
- Em que essa atividade se relaciona com o conjunto da minha disciplina e da área curricular?
- Quais são os limites e as possibilidades que essa atividade tem para o grupo de alunos em questão?
- Ao longo do ano, que outros filmes poderiam ser trabalhados de acordo com a orientação? (Napolitano, 2009 p.22)

Neste contexto, cabem várias outras questões que devem ser consideradas desde a escolha do filme até a adaptação a realidade socioeconômica da escola. É válido ressaltar que não é preciso exibir o filme completo pode-se eleger o trecho mais interessante de acordo ao objetivo proposto pelo professor. Os filmes não se reduzem a uma nova tecnologia a ser manuseada pelos educadores no seu fazer pedagógico, mas, além de um suporte metodológico a ser utilizado em sala de aula os filmes são fórmulas que influenciam na formação humana, pois estão repletos de crenças, valores, comportamentos éticos e estéticos que constituem a vida social (LOUREIRO, 2006).

Diante do exposto, entendemos o cinema como arte e educação, que pode ser utilizado de maneira racional e intencional em sala de aula, assim em concordância com Coutinho (2002,p.3), corroboramos que



O filme é feito de tudo o que se oferece à visão e, igualmente, do que não será visto. Algumas coisas serão apenas sugeridas e irão compor os vazios, os intervalos que, no cinema, são tão significativos quanto o que as imagens e sons explicitam. É nesse intervalo que os sentidos conversam: o sentido do filme que o diretor quis expressar e sentido acrescentado de quem vê. (COUTINHO, 2002 p.3)

Ficção ou documentário, curta ou longa-metragem, as opções de utilização do cinema em sala de aula são muitas, visto que esta arte nos traz inúmeras possibilidades e sensações reflexões e aprendizado além de ser uma fonte de cultura e conhecimento. Independente do filme ou atividade que se pretende por meio dele, é relevante que a discussão do mesmo tenha um sentido, uma contextualização, e que este não seja abordado como mero passa tempo entendendo que estes nos dão subsídios para trabalhar diversos temas, estimulando o debate e extraindo da obra as conexões que o professor julgar necessário de acordo a temática em paralelo a outros materiais didáticos como o livro

## **Considerações Finais**

Nesta perspectiva, abordar a linguagem cinematográfica na escola é de grande relevância na aprendizagem dos estudantes, por se tratar de uma linguagem que desperta o interesse dos jovens e traz reflexões e interpretações que um texto impresso, por exemplo, não traz, tendo em vista que as imagens de um filme “falam” mesmo sem o recurso de áudio.

Concluimos a partir desta discussão que o cinema sempre tem um caráter formativo independente, advindo da “ impressão de realidade” própria desta arte, visto que. Por um lado, é subjetiva, emocional, fantasiosa. “[...] Por outro, é objetiva (pois nossos olhos vêem as imagens), racional (pois os filmes, geralmente, contam uma história a ser compreendida pelo espectador) e realista (pois a encenação nos transporta para outras realidades).” (NAPOLITANO, 2009 p.12)

É necessário compreender a importância de se trabalhar com o cinema nas escolas, visto que: “o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”. (NAPOLITANO, 2005, p. 11 e 12). Assim, é importante salientar que o cinema não é só um meio de distração, mas pode ser um recurso para analisar, compreender e discutir as questões individuais e coletivas.

Desta forma, com a mediação do professor, o aluno possa perceber sua realidade cotidiana, confrontando com as concepções vigentes sobre juventude, nos contextos relacionais e sociais nos quais o/a jovem está inserido, abarcando temáticas das diversas disciplinas num mesmo momento, em suma, o cinema é uma possibilidade pedagógica significativa, educativa, sócio histórica e cultural.

## Referências

BARBOSA, R.S; GIFFIN, K. **Gênero, saúde reprodutiva e vida cotidiana em uma experiência de pesquisa-ação com jovens da Maré, Rio de Janeiro.** Interface - Comunic, Saúde, Educ, v.11, n.23, p.549-67, set/dez 2007.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei n ° 9.394/96.** Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm) .

BRASIL, Ministério da Educação ; Secretária da Educação Básica . Coordenadoria Geral do Ensino Médio. **Ensino Médio Inovador.** Disponível em [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ensino\\_medioinovador.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ensino_medioinovador.pdf)

COUTINHO, L.M. **Diálogos Cinema-Escola.** Série TV-ESCOLA - Ministério da Educação e Cultura, 2002.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2002,128p

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUERREIRO, Maria das Dores e ABRANTES, Pedro. **Transcrições Incertas.** Os Jovens perante o Trabalho e a Família. Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego: Lisboa. Edição nº02 p. 01 – 43. 2007.

KUGELBERG, Clarissa. **Imagens culturais dos jovens suecos acerca do início da vida adulta.** Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 27, pp.41-57. 1998

LOUREIRO, R. **Da Teoria Crítica de Adorno ao Cinema Crítico de Kluge:** educação, história e estética Tese de Doutorado Florianópolis, 2006

MADEIRA, F. R., RODRIGUES, E. M. Recado dos Jovens: mais qualificação. In: BERQUÓ, E. (org). **Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas.** Brasília: CNPq, 1998.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos:** Novos desafios e como chegar lá. p. 73-86. Papiros, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. **Caderno de Cinema do Professor.** São Paulo, 2009

\_\_\_\_\_. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo: Contexto 2005.

PAPERT, S. **A máquina das crianças:** Repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia-UEFS, Bolsista IC- PIBEX/UEFS do grupo de pesquisa NETTE.

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia-UEFS, Bolsista IC- PIBEX/UEFS do grupo de pesquisa NETTE.

<sup>3</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia-UEFS.

<sup>4</sup> Projeto de Extensão “Cinema Na Escola: Jovens protagonistas na dinamização Cultural “em desenvolvimento entre os anos de 2011-2012”, pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Trabalho, Trajetórias e Educação (NETTE), financiado pelo edital interno de Extensão 2011, Programa Institucional de Bolsa Extensão (PIBEX) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).